

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

RESUMO

As teorias de Melanie Klein sobre a compreensão do ser humano, desde a infância, trazem novas formas de pensar a ação humana. O objetivo da pesquisa consiste na verificação das interpretações de Klein na tentativa de colocar em palavras conscientes as ideias, emoções (especialmente a ansiedade) e relações que estão ocultas, ou parcialmente ocultas – na verdade, para falar o não dito à criança. Uma criança pode estar em conflito sobre o desejo de comunicar suas preocupações e o desejo de inibi-las. As interpretações podem liberar a imaginação da criança. Segundo a análise de Klein, as interpretações diretas e explícitas de fantasias inconscientes assustadoras reduzem a ansiedade e a transferência negativa da criança. Isso, por sua vez, permite um contato significativo entre a criança e o analista.

Palavras-chave: Melanie Klein; Relações Objetais; Fantasias Inconscientes; Identificação Projetiva.

ABSTRACT

This research aims to present an anthropological approach in contribution to psychoanalytic research. Melanie Klein's theories about the understanding of the human being, since childhood, bring new ways of thinking about human action. The objective of the research is to verify Klein's interpretations in an attempt to put into conscious words the ideas, emotions (especially anxiety) and relationships that are hidden, or partially hidden - in fact, to speak the unsaid to the child. A child may be conflicted about wanting to communicate their concerns and wanting to inhibit them. Interpretations can free the child's imagination. According to Klein's analysis, direct and explicit interpretations of frightening unconscious fantasies reduce the child's anxiety and negative transference. This, in turn, allows for meaningful contact between the child and the analyst.

Keywords: Melanie Klein; Objective Relations; Unconscious Fantasies; Projective Identification

INTRODUÇÃO

Melanie Klein foi um membro controverso, mas altamente influente e poderoso da Sociedade Psicanalítica Britânica por mais de trinta anos. Suas teorias sobre o desenvolvimento do mundo interior da criança transformaram a psicanálise e tiveram um impacto profundo e de longo alcance. Embora profundamente enraizada no pensamento de Sigmund Freud, Melanie Klein afirmou que todos os seres humanos se relacionam com os outros desde o nascimento e, conseqüentemente, a transferência no tratamento psicanalítico está sempre viva e ativa. Neste texto temos a intenção em apresentar no primeiro momento, a vida de Melanie Klein, em seguida apresentar algumas teorias, mesmo de forma breve, sobre Relações Objetais, Fantasias Inconscientes e Identificação Projetiva.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

1. COMEÇOS

Filha de pais judeus em Viena, Klein nasceu num ambiente familiar culto. Mas, marcado com grandes perdas, sua irmã Sidonie, faleceu em 1887, de tuberculose; o pai, faleceu em 1900, de pneumonia; o irmão Emmanuel, faleceu em 1902, de cardiopatia. Aos vinte e um anos, após desistir de suas ambições de se tornar médica, casou-se com Arthur Klein. Eles tiveram três filhos, mas o casamento foi infeliz e conturbado. A família Klein mudou-se pela Europa Central para trabalhar e foi em Budapeste que Klein teve um período de tratamento psicanalítico com Sándor Ferenczi que despertou o interesse pela psicanálise e pelas ideias de Freud¹⁴. Os Kleins mudaram-se para Berlim em 1921 e Melanie Klein, então com trinta e oito anos, ingressou na nascente Sociedade Psicanalítica de Berlim. Com o incentivo e interesse de Karl Abraham, ela começou a analisar crianças pequenas. Escreveu notas de caso sobre Fritz (6 anos), Erna (13 anos), Felix (3 anos), Peter (2 anos), Rita (9 anos), Greta (3 anos), Trude (5 anos) e Ruth (4 anos). Essas notas formaram a base de seu pensamento clínico e teórico subsequente e de sua primeira grande publicação, alguns anos depois: “A psicanálise de crianças” (1932)¹⁵.

Em seu trabalho com crianças, Klein percebeu que suas brincadeiras e os brinquedos que usavam carregavam um significado simbólico importante para elas, e que isso poderia ser analisado da mesma forma que os sonhos podem ser analisados em adultos. Ao contrário da abordagem psicanaliticamente informada para a educação e socialização de crianças que foi usada no início da década de 1920 em Viena por Anna Freud e Hermine Hug-Helmuth, em Moscou por Sabina Spielrein e Vera Schmidt e, na Maltings House School em Cambridge por Susan Isaacs, em Berlim, Klein ofereceu a seus jovens pacientes algo muito mais próximo da psicanálise adulta¹⁶. Ela os via em horários determinados, assim como na análise de adultos, e ela se concentrou em seus medos e ansiedades expressos em suas brincadeiras. Com uma abordagem completamente diferente, o trabalho pioneiro com crianças não foi muito bem recebido em Berlim, e ela foi tratada com certa desconfiança e desdém. Alix e James Strachey, no entanto, ficaram fascinados com seu trabalho e, em 1925, a convidaram para visitar Londres, onde as palestras que ela ofereceu foram calorosamente recebidas¹⁷.

1.1 PERDA E LUTO: A POSIÇÃO DEPRESSIVA

Klein teve tratamento psicanalítico com Karl Abraham em Berlim, embora isso tenha sido encerrado após apenas nove meses devido à doença e morte de Abraham no final de 1925. Após essa perda, Klein decidiu se mudar para Londres, onde ela passaria o resto de sua vida trabalhando como psicanalista e desenvolvendo a originalidade de seu trabalho. Ao longo de apenas alguns anos,

¹ QUINODOZ, J.-M. Le psychanalyste, conteneur actif de la contre-identification projective. In: Revue Française de Psychanalyse. Vol 58 (Spec Issue), 1994, p. 1597-1600.

² RAFAELSEN, L. Projections, Where Do they Go? In: Group Analysis. Vol 29(2), Jun 1996, 143-158.

³ QUINODOZ, D. Interpretations in projection. In: International Journal of Psycho-Analysis. Vol 75 (4) Ago, 1994, p. 755-761.

⁴ CASSORLA, R., M., S. In the tangle of projective cross-identifications with adolescents and their parentes. In: Kinderalyse. Vol 12(3) Jul, 2004, p. 183-230.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

ela se tornou uma figura central no mundo da psicanálise e na Sociedade Britânica. No entanto, seus primeiros trabalhos teóricos em Londres, incluindo “Early Stages of the Édipus Complex” (1928), e “The Importance of Symbol” (1930), continuaram a causar controvérsia no mundo psicanalítico da Europa Central¹⁴. Klein, sem se deixar intimidar por críticas ou oposição, permaneceu inalterada a curiosidade no mundo interior de seus pacientes adultos e crianças. Ao ancorar suas ideias teóricas tão firmemente em sua experiência clínica, Klein demonstrou que sua técnica psicanalítica de compreender e interpretar ansiedades, especialmente o medo ligado a impulsos agressivos, poderia liberar o paciente e permitir uma maior exploração de seus mundos internos¹⁵.

Embora o filho de Klein, Erich, e sua filha, Melitta, tenham se juntado a ela em Londres, foi com a morte de seu filho mais velho nos Alpes em 1934, aos 27 anos, que se somou a uma série de tragédias pessoais. Enquanto ela sofria por seu filho, ela continuou a trabalhar, produzindo dois artigos importantes sobre o que ela chamou de “posição depressiva”: Uma contribuição para a psicogênese dos estados maníaco-depressivos (1935), e Luto e sua relação com Estados Maníaco-Depressivos (1940). Nesses trabalhos, Klein mostrou como a criança toma consciência de que não controla seu mundo, mas, ao contrário, precisa e depende de figuras amorosas¹⁶. No entanto, na posição depressiva, a criança sente que “atacou” e “destruiu” aspectos dessas figuras tão necessárias, o que causa uma angústia dolorosa e, em circunstâncias favoráveis, desenvolve-se um desejo de restaurar e proteger esses objetos amorosos. A marca registrada do desenvolvimento na posição depressiva é a capacidade de preocupação e o desejo de fazer “reparação” pelos danos causados. A convulsão da Segunda Guerra Mundial trouxe ainda mais mudanças ao mundo de Klein. Ela se mudou para Pitlochry na Escócia por um curto período de tempo, onde tratou de Richard, de dez anos. O relato de sua análise é escrito como A Narrativa de uma Análise de Criança (1961) e este continua sendo um retrato vívido de sua compreensão dos medos e ansiedades de Richard em um momento turbulento da história¹⁷.

1.2 CONTROVÉRSIA E DESENVOLVIMENTO: A POSIÇÃO ESQUIZÓIDE-PARANÓIDE

Klein logo estaria envolvida em uma polêmica com Anna Freud e os outros analistas vienenses que haviam fugido da Europa nazista para a Inglaterra e, como ela, foram recebidos pela Sociedade Psicanalítica Britânica. Isso aconteceu tendo como pano de fundo o difícil relacionamento e distanciamento de Klein com sua filha Melitta, agora também analista da Sociedade Psicanalítica Britânica. Outros membros da Sociedade Psicanalítica Britânica, como Joan Rivière, Susan Isaacs e Paula Heimann, também tiveram suas contribuições, ampliando o conceito de psicanálise e suas vertentes. O mais renomado desses trabalhos é o de Susan Isaacs, *The Nature and Function of Phantasy*, que

❑ RACKER, H. The Meanings and Uses of Countertransference. In: *Psychoanalytic Quarterly*, Vol 76(3), Jul 2007, p. 725-777.

❑ REGAZZONI, G. G. Alcuni antecedenti teorici del concetto di interazione. In: *Interazioni*. Vol 2, 1997, p. 21-32.

❑ REID, S. (1997). The Generation of Psychoanalytic Knowledge: Sociological and Clinical Perspectives Part Two: Projective Identification-the other Side of the Equation. In: *British Journal of Psychotherapy*. Vol 13 (4), 1997, 542-554.

❑ STEINER, J. The aim of psychoanalysis in theory and in practice. In: *International Journal of Psycho-Analysis*. Vol 77(6) Dez 1996, 1073-1083.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

amplia e aprofunda o uso original de termos usados por Freud para cobrir toda atividade mental, sonhos, sintomas, brincadeiras, pensamentos e padrões de pensamento subjacentes ao mecanismo de defesa¹⁴.

Em 1946 Klein publicou Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. Neste artigo, Klein descreve que há um conjunto mecanismos de defesa, ansiedades que são identificados já nos três primeiros meses de vida e que é conceituado como “posição esquizoparanóide”, um estado mental universal, do qual a posição depressiva pode emergir. Este artigo inovador menciona primeiro o conceito de identificação projetiva que se tornará um conceito muito usado e apreciado pelas futuras gerações de psicanalistas. A compreensão de Klein sobre os estados mentais primitivos possibilitou o tratamento de pacientes psicóticos e outros que, até então, não haviam sido considerados adequados para análise¹⁵.

Nas décadas de 1940 e 1950, um grupo de jovens analistas brilhantes cresceu em torno de Klein, inspirados por seu trabalho. Todos eles fizeram suas próprias contribuições muito significativas para a psicanálise; Destacam-se Wilfred Bion (1897-1979), Herbert Rosenfeld (1910-1986), Hanna Segal (1918-2011). Em 1952, uma coleção de artigos, *New Directions in Psychoanalysis*, foi publicada, baseada em uma edição especial do *International Journal of Psychoanalysis* comemorando o 70º aniversário de Melanie Klein¹⁶. As ideias desta publicação permitiram-lhe a promoção de pesquisas e formações com base nas suas ideias¹⁷.

O artigo final de Melanie Klein, Sobre o sentido da solidão, foi publicado três anos após sua morte e continua sendo uma integração comovente e madura de seu trabalho e um importante estudo da condição humana. Seu legado, assim como sua vida, permanece controverso. Apesar dos obstáculos enfrentados por Klein, sendo uma mulher nascida no auge do império austro-húngaro, sem educação formal e que sofreu muitas tragédias pessoais, ela ultrapassou os limites da psicanálise. Ela ousou fazer suas próprias observações do encontro psicanalítico, ter ideias originais sobre a formação do mundo interno e, o mais radical de tudo, colocou as paixões e experiências do bebê no centro de nossa compreensão do desenvolvimento humano¹⁸.

Os escritos de Melanie Klein se destacam: Volume 1 - Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos (1921-45), Volume 2 - A Psicanálise das Crianças, Volume 3 - Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-63), Volume 4 - Narrativa da análise de uma Criança (1932). Em seguida podemos apresentar algumas perspectivas sobre o pensamento de Melanie Klein.

¹⁴ DELOUYA, D. Sobre a comunicação: Entre Freud (1895) e Klein (1946). In: Estudos em Teoria Psicanalítica. Vol 5(1), Jan-Jun 2002, p. 79-90.

¹⁵ STEINER, J. Containment, enactment and communication. In: *International Journal of Psychoanalysis*. Vol 81(2) Abr 2000, p. 245-255.

¹⁶ SZECSÖDY, I. “On Steiner’s Containment, enactment and communication”. In: *International Journal of Psychoanalysis*. Vol 82(1) Fev 2001, p. 173-174.

¹⁷ STEINER, R. Some notes on the ‘heroic self’ and the meaning and importance of its reparation for the creative process and the creative personality. In: *International Journal of Psycho-Analysis*. Vol 80(4), Ago 1999, p. 685-718.

¹⁸ KLEIN, M. On identification. Madison, CT: International Universities Press. Inc. Knapp, H. D. (1989). Projective identification: Whose projection-whose identity? In: *Psychoanalytic Psychology*. Vol 6(1) 1989, p. 47-58.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

2.2 RELAÇÕES OBJETAIS

Klein acreditava que uma criança nasce com a capacidade e o impulso de se relacionar com os outros. Um problema inerente a essa realidade, no entanto, é que o bebê deve estar preparado para lidar com todos os tipos de pessoas e relacionamentos¹⁴. Assim, Klein acreditava que o instinto de morte e sua energia agressiva são tão importantes quanto o instinto de vida (Eros) e sua energia libidinal:

O que acontece então é que a libido entra em luta com os impulsos destrutivos e gradualmente consolida suas posições... forças libidinais quando estas ganharam força. Como sabemos, nos primeiros estágios de desenvolvimento, o instinto de vida deve exercer seu poder ao máximo para se manter contra o instinto de morte. Mas esta mesma necessidade estimula o crescimento da vida sexual do indivíduo.¹⁵

À medida que a criança continua a desenvolver-se, o amor torna-se a manifestação do instinto de vida e o ódio torna-se a manifestação do instinto de morte. Quanto às pessoas na vida da criança, a criança começará a reconhecer os elementos bons e ruins de seu apoio e relacionamento com a criança. A criança também reconhecerá aspectos bons e ruins de seus próprios pensamentos e comportamentos. Como resultado, a criança iniciará um processo conhecido como divisão, no qual as partes ruins de um objeto são separadas e não podem contaminar as partes boas do objeto. Em termos mais simples, uma criança pode continuar a amar seus pais, mesmo que haja momentos em que os pais não satisfaçam os impulsos da criança. Da mesma forma, a criança pode continuar a ter uma sensação positiva de auto-estima, mesmo que às vezes falhe ou faça coisas ruins¹⁶.

Como a criança nasce com os instintos de vida e os instintos de morte necessários para estabelecer e manter relações objetais, Klein não enfocou o desenvolvimento como uma série de estágios. Em vez disso, ela sugeriu duas orientações básicas de desenvolvimento que ajudam a criança a conciliar suas emoções e sentimentos em relação aos mundos interno e externo em que a criança existe: a posição esquizoparanoide e a posição depressiva. Os meios pelos quais a criança processa essas emoções e orientações baseiam-se em grande parte na fantasia. Klein acreditava que a criança é capaz de desenvolver, ao nascer, uma vida de fantasia ativa. Essa fantasia emana de dentro e imagina o que está fora¹⁷.

Segundo Klein, o primeiro objeto da criança é a mãe do bebê. Klein acreditava que as relações objetais estão presentes no nascimento, e o primeiro objeto é o seio da mãe. Devido, em parte, ao

¹⁴ ÁLVAREZ, A. Alargando a ponte: Comentário sobre artigos de Stephen Seligman e Robin C. Silverman e Alicia F. Lieberman. In: Diálogos Psicanalíticos. Vol 9(2), 1999, p. 205-217.

¹⁵ ÁLVAREZ, A. Identificação projetiva como comunicação: sua gramática em crianças psicóticas limítrofes. In: Diálogos psicanalíticos. Vol 7(6) 1997, p. 753-768.

¹⁶ DEMOS, E.V. A busca de modelos psicológicos: Comentário sobre artigos de Stephen Seligman e Robin C. Silverman e Alicia F. Lieberman. In: Diálogos Psicanalíticos. Vol 9(2), 1999, p. 219-227.

¹⁷ HENNINGSEN, F. Destruction and guilt: splitting and reintegration in the analysis of a traumatised patient. In: International Journal of Psychoanalysis. Vol 86(2) Abr, 2005, p. 353-373.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

trauma do nascimento, os impulsos “destrutivos” da criança são direcionados para o seio da mãe desde o início da vida. Os impulsos “destrutivos” são compreendidos no modo como a criança procura obter de forma impreterível a presença da mãe para saciar seus desejos e necessidades. À medida que a criança fantasia em “atacar” e “destruir” sua mãe, ela começa a temer retaliação. Isso leva à posição paranóica. Por causa desse medo, e para se proteger, a criança inicia o processo de divisão do seio da mãe e, de si mesmo, em partes boas e ruins (posição esquizóide)¹⁷. A criança, então, conta com dois principais mecanismos de defesa para reduzir essa ansiedade: a introjeção leva a criança a incorporar em si as partes boas do objeto, e a projeção envolve focalizar as partes ruins do objeto. Essa introjeção e projeção fornecem então a base para o desenvolvimento do ego e do superego.¹⁸

À medida que a criança vai se desenvolvendo, torna-se intelectualmente capaz de considerar a mãe, ou qualquer outro objeto, como um todo. Em outras palavras, a mãe pode ser boa e má. Com essa percepção, a criança começa a sentir culpa e tristeza pela “destruição” da mãe anteriormente fantasiada. Isso resulta na posição depressiva e representa um avanço da maturidade da criança¹⁹. Melanie Klein dá ênfase na agressão e no instinto de morte. Parece razoável considerar a agressão tão importante no desenvolvimento humano quanto a libido. As relações objetais contribuíram para identificar os desdobramentos do pensamento de Melanie Klein e qual a relevância do pensamento dela para a psicanálise²¹.

3 FANTASIA INCONSCIENTE

Os psicanalistas kleinianos consideram o inconsciente como composto de fantasias de relações com objetos. Essas fantasias são a representação mental dos instintos e, portanto, são consideradas primárias.²²

Quando Freud enfatizou o significado psicológico do trauma infantil, passando de um modo de pensar fisiológico para um psicológico, priorizando assim o mundo interno. O paradigma do mundo psicológico era a fantasia inconsciente de complexo de Édipo. Freud contrastou essa fantasia libidinal interna (o complexo de Édipo) com a fantasia dessexualizada que serve de base para lançar novos tipos de atividade sublimada em um amplo domínio²³. O papel da fantasia na sublimação da libido em

¹⁷ SÉGUIN, M.-H. Transmissão intergeracional do trauma. In: Psicoterapias. Vol 27(3), 2007, p. 149-160.

¹⁸ HERBERT, J. C. O Par Analítico em Ação: Encontrando a Vida Mental Desaparecida: Uma Abordagem Intersubjetiva. In: Estudo Psicanalítico da Criança. Vol 61, 2006, p. 20-55.

¹⁹ ÁLVAREZ, A. Uma visão desenvolvimentista de ‘defesa’. A criança psicótica limítrofe. Filadélfia, PA: Taylor & Francis, 2000.p. 854-856.

²¹ SEGAL, J. Your feelings or mine? Projective identification in a context of counseling families living with multiple sclerosis. In: Psychodynamic Practice. Vol 9(2) Mai 2003, p. 153-171.

²² GABARD, G. O. A contemporary psychoanalytic model of countertransference. In: Journal of Clinical Psychology. Vol 57(8) Ago 2001, p. 983-991.

²³ SEGAL, J. The effects of multiple sclerosis on relationships with therapists. In: Psicoterapia Psicanalítica. Vol 21(2) Jun 2007, p. 168-180.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

atividades como devaneios e criação estética é bem diferente das fantasias inconscientes primárias que provocam os conflitos do início do complexo de Édipo²⁷.

A fantasia inconsciente seria a representação mental do instinto. Em outras palavras, a libido, desde o início, é uma atividade da mente, apesar de suas origens e funções fisiológicas. Assume a forma de uma fantasia de realizar, uma atividade (oral, anal ou genital) com um objeto. Com base em fantasias como a expressão crua do instinto, a mente primitiva do bebê pode começar a se reordenar por meio de outras fantasias primitivas de projeção, introjeção, cisão e negação, e assim pode se livrar das experiências e terrores dos conflitos primitivos²⁸.

Uma sequência de desenvolvimento começa com as fantasias inconscientes do complexo de Édipo em seus estágios iniciais e evolui, através do medo (por exemplo, ansiedade de castração), para uma forma dessexualizada: devaneios. O devaneio, expresso pelas crianças em suas brincadeiras incansáveis, é uma atividade importante. A psicanálise clássica enfatiza o devaneio e suas oportunidades sublimatórias, enquanto a psicanálise kleiniana enfatiza as raízes da vida de fantasia no inconsciente²⁹. A análise infantil desenvolvida por Melanie Klein demonstrou o funcionamento do inconsciente nas fantasias do brincar. Klein desenvolveu sua técnica com base em como as figuras são reposicionadas no jogo. Isso levou a uma teoria de como os objetos são posicionados em relação uns aos outros e ao self da criança. Klein reconhecia nos detalhes da brincadeira a atitude defensiva da criança, bem como os impulsos primários e conflitantes da criança. As raízes inconscientes dos impulsos e defesas se expressam nas relações com os objetos³⁰.

A natureza das primeiras fantasias primárias foi muito debatida. Anna Freud contestou a afirmação de Melanie Klein de que o bebê tem fantasias coerentes desde muito cedo. Ela considerava as fantasias inconscientes que Klein e seus colegas relatavam como elaboração secundária em estágios posteriores de desenvolvimento. Para Anna Freud, o bebê se desenvolve cognitivamente ao estabelecer representações da realidade e dos objetos nela contidos, mas essas representações não se aglutinam em fantasias significativas e motivadoras até depois das fases de autoerotismo e narcisismo primário³¹.

4 IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA

Identificação Projetiva (ou IP) é um termo psicológico que foi introduzido pela primeira vez por Melanie Klein a partir das relações de objetos, abordagem esta que se tornou expressivo no pensamento psicanalítico em 1940+6. Refere-se a um processo psicológico no qual uma pessoa projeta um

²⁷ GABARD, G. O. Contribuições de Joseph Sandler para o conceito de contratransferência. In: Investigação psicanalítica. Vol 25(2), 2005, p. 184-195.

²⁸ GARCIA, S., G., BALLESTEROS, R., R., ARIZA, D., S. Distúrbios de comportamento do adolescente. Observações de uma perspectiva sistêmico-relacional. In: Revista Psiquis. Vol 24(1), 2003, p. 5-14.

²⁹ PLENKER, F., P. Origins and essential features of kleinian developments. In: Psyche: Zeitschrift für Psychoanalyse und ihre Anwendungen. Vol 59(8), Ago 2005, p. 685-717.

³⁰ POGGI, R., G. Robert Caper on 'A mind of one's own'. In: International Journal of Psycho-Analysis. Vol 79(2) Abr, 1998, p. 388-390.

³¹ CASSORLA, R., M., S. In the tangle of projective cross-identifications with adolescents and their parentes. In: Kinderalyse. Vol 12(3) Jul, 2004, p. 183-230.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

pensamento ou crença em uma segunda pessoa. Nas definições mais comuns de identificação projetiva, a segunda pessoa é mudada pela projeção e começa a se comportar como se ela fosse de fato caracterizada pelos pensamentos ou crenças que foram projetadas. Este é um processo que geralmente acontece fora da consciência de ambas as partes envolvidas, embora isso tenha sido motivo de alguma discussão. O que é projetado na maioria das vezes é uma ideia ou crença intolerável, dolorosa ou perigosa sobre o eu que a primeira pessoa não pode tolerar (ou seja, “Eu me comportei de forma errada” ou “Eu tenho um sentimento sexual por...”).²⁷

Acredita-se que a identificação projetiva seja um processo psicológico muito primitivo entendido como um dos mecanismos de defesa. No entanto, também é considerada a base a partir da qual processos psicológicos mais maduros, como empatia e intuição, são formados²⁸.

A identificação projetiva é um processo no qual a parte do eu é projetada em um objeto externo. O objeto externo experimenta uma indefinição dos limites ou definições do eu e do outro. Isso ocorre durante uma interação interpessoal em que o projetor pressiona ativamente o receptor a pensar, sentir e agir de acordo com a projeção. O destinatário da projeção então processa ou “metaboliza” a projeção para que possa ser reintegrada pelo projetor³¹.

Existem diferentes definições de identificação projetiva e há divergências quanto a vários de seus aspectos. Por exemplo, onde o processo começa e termina, exatamente “o que” é projetado e o que é “recebido”, uma segunda pessoa é necessária para que a identificação projetiva ocorra, para o desenvolvimento da consciência em qualquer das partes envolvidas.³²

Como defesa, um paciente psiquiátrico, por exemplo, pode usar IP para negar a verdade de sentimentos ou crenças indesejáveis, projetando-os na outra pessoa. Além disso, como o analista começa a encenar inconscientemente esses sentimentos ou crenças (mesmo que originalmente fossem estranhos a ele), o paciente está, em certo sentido, “controlando” a interação com o analista. Isso é muitas vezes experimentado pelo analista como uma pressão sutil para se comportar ou acreditar de uma determinada maneira; mas é uma influência à qual o analista geralmente não está atento ou não é experimentada conscientemente. Ao influenciar o analista a se comportar de uma determinada maneira, evita-se que material mais exploratório, original e vulnerável entre na discussão³³.

A identificação projetiva também funciona como um modo de comunicação. A primeira pessoa “dá” seus pensamentos ou sentimentos indesejados à segunda pessoa. Em vez de comunicar esses pensamentos ou sentimentos com palavras, o conteúdo indesejado é dado diretamente à segunda pessoa. Desta forma, a segunda pessoa pode entender o que a primeira pessoa está experimentando, mesmo que a primeira pessoa não esteja ciente de tal experiência³⁴.

²⁷ FELDMAN, M. Identificação projetiva em fantasia e encenação. In: Investigação Psicanalítica. Vol 14(3), 1994, p. 423-440.

²⁸ RIVERA R. de, Empatia e empatia. In: Revista Psiquis. Vol 25(6), 2004, p. 5-7.

³¹ FELDMAN, M. Projective identification: the analyst's involvement. In: International Journal of Psycho-Analysis. Vol 78(2) Abr, 1997, p. 227-241.

³² FERREIRA, T. Identificação em contratransferência. In: Revista Portuguesa de Psicanálise. Nº 17 Maio 1998, p. 43-62

³³ FERRO, A. O diálogo analítico: mundos possíveis e transformações no campo analítico. In: Revista de Psicanálise. Vol 51(4) Ago-Dez 1994, p. 773-790.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

A identificação projetiva é muitas vezes experimentada não como um incidente isolado, mas como uma série de projeções e identificações e contraprojeções e contra-identificações que evoluem em um relacionamento ao longo do tempo. Um exemplo disso pode ser a díade mãe/bebê ou um casal de marido e mulher. Nesses casos, há uma economia ou transação emocional contínua entre os parceiros que ocorre ao longo de todo um relacionamento³⁷.

É possível verificar múltiplas motivações para a identificação projetiva, incluindo: controlar o objeto, adquirir seus atributos, evacuar uma má qualidade, proteger uma boa qualidade, evitar a separação. Aqui está um exemplo simples de identificação projetiva em um ambiente psiquiátrico:

Um paciente traumatizado descreve a seu analista um incidente horrível que ele experimentou recentemente. No entanto, ao descrever esse incidente, o paciente permanece emocionalmente inalterado ou mesmo indiferente ao seu próprio sofrimento óbvio e talvez até ao sofrimento de seus entes queridos. Quando perguntado, ele nega ter qualquer sentimento sobre o evento. No entanto, quando a analista ouve essa história, ela começa a sentir sentimentos muito fortes (ou seja, talvez tristeza e/ou raiva) em resposta. Ela pode chorar ou ficar indignada com razão em nome do paciente, representando assim os sentimentos do paciente resultantes do trauma. Sendo uma analista bem treinada, no entanto, ela reconhece o profundo efeito que a história de seu paciente está tendo sobre ela. Reconhecendo para si mesma os sentimentos que ela está tendo, ela sugere ao paciente que talvez ele esteja tendo sentimentos que são difíceis de vivenciar em relação ao trauma. Ela processa ou metaboliza essas experiências em si mesma e as coloca em palavras e as comunica para o paciente. Idealmente, então o paciente pode reconhecer em si mesmo as emoções ou pensamentos que antes não podia deixar entrar em sua consciência. Outro exemplo comum é a díade mãe/filho, onde a mãe é capaz de vivenciar e atender às necessidades de seu filho quando este muitas vezes não consegue expressar suas próprias necessidades. Então, o paciente pode reconhecer em si mesmo as emoções ou pensamentos que antes não podia deixar entrar em sua consciência.³⁸

Os exemplos acima descrevem a identificação projetiva no contexto de uma díade. No entanto, a IP também ocorre dentro de um contexto de grupo, “o analista sente que está sendo manipulado para desempenhar um papel, não importa quão difícil de reconhecer, na fantasia de outra pessoa”³⁹. Essa ligação contínua entre o processo intrapsíquico interno e a dimensão interpessoal forneceu a base para a compreensão de aspectos importantes da vida grupal e organizacional. Os estudos de grupos de Bion examinaram como os fenômenos grupais compartilhados e colusivos,

³⁷ FERRO, A. “Characters” and their precursors in depression : experiences and transformation in the course of therapy. In: Journal of Melanie Klein & Object Relations. Vol 17(1), 1999, p. 119-133.

³⁸ LEAR, J. Jumping from the couch: an essay on phantasy and emotional structure. In: International Journal of Psychoanalysis. Vol 83(3) Jun, 2002, p. 583-595.

³⁹ LEIMAN, M. Projective identification as early joint action sequences: a Vygotskian addendum to the Procedural Sequence Object Relations Model. In: British Journal of Medical Psychology. Vol 67(2) Jun 1994, p. 97-106.

⁴⁰ LENTON, A., P. BRYAN, A., HASTIE, R., FISCHER, O. Queremos a mesma coisa: Projeção em julgamentos de intenção sexual. In: Boletim de Personalidade e Psicologia Social. Vol 33(7) Jul, 2007, p. 975-988.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

como bode expiatório, pensamento de grupo e contágio emocional estão todos enraizados no uso coletivo da identificação projetiva. De fato, os sociólogos costumam ver a identificação projetiva em ação no nível social na relação entre grupos minoritários e a classe majoritária³².

CONCLUSÃO

Para um estudo antropológico, Melanie Klein fez contribuições significativas para o campo da psicanálise. Ela relevou a importância dos impulsos biológicos, particularmente o desejo sexual, e enfatizou a importância das relações interpessoais no campo psicanalítico. Ela destacou particularmente a importância da relação mãe-filho no desenvolvimento infantil. Sua técnica de ludoterapia, que ela desenvolveu para uso com crianças, continua sendo amplamente utilizada.

Sua teoria das relações objetais continuou a ser desenvolvida nas décadas de 1940 e 1950 por psicólogos britânicos, e essa escola britânica de relações objetais tornou-se bastante influente. A pesquisa em psicologia do desenvolvimento tem apoiado sua tese de que a formação do mundo mental é possibilitada pela interação interpessoal criança-pai.

Melanie Klein e Anna Freud, foram as primeiras a aplicar teorias psicanalíticas para tratar distúrbios afetivos em crianças, embora suas abordagens fossem radicalmente diferentes. Suas diferenças levaram a conflitos e divisões entre psicanalistas infantis que persistiram por décadas inicialmente na Europa e se espalhando para os Estados Unidos, onde o grupo de Anna Freud foi inicialmente dominante. A partir da década de 1970, porém, com o desenvolvimento da abordagem interpessoal da psicanálise e a influência da psicologia do ego, as ideias de Melanie Klein ganharam maior destaque.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ, A. Alargando a ponte: Comentário sobre artigos de Stephen Seligman e Robin C. Silveman e Alicia F. Lieberman. In: Diálogos Psicanalíticos. Vol 9(2), 1999, p. 205-217.

ÁLVAREZ, A. Identificação projetiva como comunicação: sua gramática em crianças psicóticas limítrofes. In: Diálogos psicanalíticos. Vol 7(6) 1997, p. 753-768.

ÁLVAREZ, A. Uma visão desenvolvimentista de 'defesa'. A criança psicótica limítrofe. Filadélfia, PA: Taylor & Francis, 2000.

CASSORLA, R., M., S. In the tangle of projective cross-identifications with adolescents and their parentes. In: Kinderanalyse. Vol 12(3) Jul, 2004, p. 183-230.

DELOUYA, D. Sobre a comunicação: Entre Freud (1895) e Klein (1946). In: Estudos em Teoria Psica-

³² LEITÃO, L., G. Contratransferência: Uma revisão da literatura sobre o conceito. In: Análise Psicológica. Vol 21(2) Abr-Jun, 2003, p. 175-183.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

nalítica. Vol 5(1), Jan-Jun 2002, p. 79-90.

DEMOS, E.V. A busca de modelos psicológicos: Comentário sobre artigos de Stephen Seligman e Robin C. Silverman e Alicia F. Lieberman. In: Diálogos Psicanalíticos. Vol 9(2), 1999, p. 219-227.
FELDMAN, M. Identificação projetiva em fantasia e encenação. In: Investigação Psicanalítica. Vol 14(3), 1994, p. 423-440.

FELDMAN, M. Projective identification: the analyst's involvement. In: International Journal of Psycho-Analysis. Vol 78(2) Abr, 1997, p. 227-241.

FERREIRA, T. Identificação em contratransferência. In: Revista Portuguesa de Psicanálise. Nº 17 Maio 1998, p. 43-62.

FERRO, A. O diálogo analítico: mundos possíveis e transformações no campo analítico. In: Revista de Psicanálise. Vol 51(4) Ago-Dez 1994, p. 773-790.

FERRO, A. "Characters" and their precursors in depression : experiences and transformation in the course of therapy. In: Journal of Melanie Klein & Object Relations. Vol 17(1), 1999, p. 119-133.

GABARD, G. O. A contemporary psychoanalytic model of countertransference. In: Journal of Clinical Psychology. Vol 57(8) Ago 2001, p. 983-991.

GABARD, G. O. Contribuições de Joseph Sandler para o conceito de contratransferência. In: Investigação psicanalítica. Vol 25(2), 2005, p. 184-195.

GARCIA, S., G., BALLESTEROS, R., R., ARIZA, D., S. Distúrbios de comportamento do adolescente. Observações de uma perspectiva sistêmico-relacional. In: Revista Psiquis. Vol 24(1), 2003, p. 5-14.
HENNINGSEN, F. Destruction and guilt: splitting and reintegration in the analysis of a traumatised patient. In: International Journal of Psychoanalysis. Vol 86(2) Abr, 2005, p. 353-373.

HERBERT, J. C. O Par Analítico em Ação: Encontrando a Vida Mental Desaparecida: Uma Abordagem Intersubjetiva. In: Estudo Psicanalítico da Criança. Vol 61, 2006, p. 20-55.

KLEIN, M. On identification. Madison, CT: International Universities Press. Inc. Knapp, H. D. (1989). Projective identification: Whose projection-whose identity? In: Psychoanalytic Psychology. Vol 6(1) 1989, p. 47-58.

LEAR, J. Jumping from the couch: an essay on phantasy and emotional structure. In: International Journal of Psychoanalysis. Vol 83(3) Jun, 2002, p. 583-595.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

LEIMAN, M. Projective identification as early joint action sequences: a Vygotskian addendum to the Procedural Sequence Object Relations Model. In: British Journal of Medical Psychology. Vol 67(2) Jun 1994, p. 97-106.

LENTON, A., P, BRYAN, A., HASTIE, R., FISCHER, O. Queremos a mesma coisa: Projeção em julgamentos de intenção sexual. In: Boletim de Personalidade e Psicologia Social. Vol 33(7) Jul, 2007, p. 975-988.

LEITÃO, L., G. Contratransferência: Uma revisão da literatura sobre o conceito. In: Análise Psicológica. Vol 21(2) Abr-Jun, 2003, p. 175-183.

PLENKER, F., P. Origins and essential features of kleinian developments. In: Psyche: Zeitschrift fur Psychoanalyse und ihre Anwendungen. Vol 59(8), Ago 2005, p. 685-717.

POGGI, R., G. Robert Caper on 'A mind of one's own'. In: International Journal of Psycho-Analysis.

QUINODOZ, J.-M. Le psychanalyste, conteneur actif de la contre-identification projective. In: Revue Française de Psychanalyse. Vol 58 (Spec Issue), 1994, p. 1597-1600.

QUINODOZ, D. Interpretations in projection. In: International Journal of Psycho-Analysis. Vol 75 (4) Ago, 1994, p. 755-76Vol 75 1.

RAFAELSEN, L. Projections, Where Do they Go? In: Group Analysis. Vol 29(2), Jun 1996, 143-158.

RACKER, H. The Meanings and Uses of Countertransference. In: Psychoanalytic Quarterly, Vol 76(3), Jul 2007, p. 725-777.

REGAZZONI, G. G. Alcuni antecedenti teorici del concetto di interazione. In: Interazioni. Vol 2, 1997, p. 21-32.

REID, S. (1997). The Generation of Psychoanalytic Knowledge: Sociological and Clinical Perspectives Part Two: Projective Identification-the other Side of the Equation. In: British Journal of Psychotherapy. Vol 13 (4), 1997, 542-554.

RIVERA R. de, Empatia e ecpatia. In: Revista Psiquis. Vol 25(6), 2004, p. 5-7.

SEGAL, J. Your feelings or mine? Projective identification in a context of counseling families living with multiple sclerosis. In: Psychodynamic Practice. Vol 9(2) Mai 2003, p. 153-171.

SEGAL, J. The effects of multiple sclerosis on relationships with therapists. In: Psicoterapia Psicanalítica. Vol 21(2) Jun 2007, p. 168-180.

SÉGUIN, M.-H. Transmissão intergeracional do trauma. In: Psicoterapias. Vol 27(3), 2007, p. 149-160.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

STEINER, J. The aim of psychoanalysis in theory and in practice. In: International Journal of Psycho-Analysis. Vol 77(6) Dez 1996, 1073-1083.

STEINER, J. Containment, enactment and communication. In: International Journal of Psychoanalysis. Vol 81(2) Abr 2000, p. 245-255.

STEINER, R. Some notes on the 'heroic self' and the meaning and importance of its reparation for the creative process and the creative personality. In: International Journal of Psycho-Analysis. Vol 80(4), Ago 1999, p. 685-718.

SZECSÖDY, I. "On Steiner's Containment, enactment and communication". In: International Journal of Psychoanalysis. Vol 82(1) Fev 2001, p. 173-174.